

# VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

## FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974)

Sem ter sido propriamente um historiador, Fernando de Azevedo deixou uma obra imensa, na qual figuram numerosos títulos que não podem ser ignorados pelos que se dedicam aos estudos de nossa história, razão pela qual nos sentimos muito à vontade para incluí-lo em nossa galeria de **Vultos da Historiografia Brasileira**, neste ano em que se comemora o centenário de seu nascimento. Efeméride, sem dúvida, das mais significativas em nossa vida cultural, visto tratar-se de uma das figuras mais expressivas da intelectualidade brasileira, notadamente nos domínios das ciências sociais e da educação, seus principais campos de trabalho.

Nascido na cidade sul-mineira de São Gonçalo do Sapucaí, a 2 de abril de 1894, passou a infância e adolescência em sua cidade natal e na vizinha Cambuquira, donde saiu para estudos no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, pois era sua intenção seguir a carreira sacerdotal. Chegou apenas até ao noviciado, tendo permanecido dois anos em Itu, como professor do Colégio São Luís. Na velha cidade paulista, tomou a decisão ditada por crise de consciência - de renunciar à carreira eclesiástica. Guardou, contudo, as melhores recordações de seu convívio com os jesuítas, notadamente excelente formação clássica e humanística, que foi sempre uma das vigas mestras de sua cultura e da qual se serviu em quase todos os momentos de sua vida.

Viveu alguns anos em Belo Horizonte como professor de Latim e de Psicologia do Ginásio estadual. Na capital mineira, iniciou o curso de Direito, que veio a concluir em São Paulo, em 1918. Em Belo Horizonte, promoveu intensa e salutar campanha pela Educação Física, da qual resultou seus dois primeiros livros, além da criação da cadeira dessa especialidade no ginásio em que lecionava. Tendo sido o idealizador dessa cadeira de Educação Física, julgou-se no dever moral de concorrer ao concurso para o seu provimento, escrevendo, para isso, a tese que veio a constituir seu primeiro livro, **Da Educação Física, o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. Embora vencendo brilhantemente o concurso, viu-se preterido por injunções políticas, o que o levou a deixar a capital mineira, transferindo-se para o Rio de Janeiro. Amargurou-o muito essa injustiça, embora, já ao fim da vida,

escrevendo suas memórias, considerou-a uma "injustiça que valeu a pena", pois lhe abriu numerosas outras perspectivas para a sua longa carreira. Tivesse sido nomeado para a pretendida cadeira, talvez sua atividade acabaria se restringindo à capital mineira.

No Rio de Janeiro tentou a vida de diversas maneiras, inclusive como modesto empregado do Lóide Brasileiro, no ambiente das docas, função muito aquém de seus méritos e de seus estudos, mas que - recordou ele em suas memórias - tornou-se vantajoso, porque "pondo-me em contato com uma camada, das mais modestas, da sociedade, contribuiu para dar-me uma nova visão das coisas". Pouco se demorou no Rio de Janeiro, embora para aí retornasse dez anos mais tarde, para a talvez mais importante realização de sua vida.

Foi, porém, em São Paulo, para onde se transferiu em 1917, e onde viveu até o fim de sua existência, em 1974, que se realizou plenamente, como professor, crítico literário, cientista social e educador e ainda homem público, com avultada folha de serviços e valiosa produção bibliográfica em cada um desses setores.

A convite de Antônio Prado Júnior, então prefeito do Distrito Federal, no quadriênio presidencial de Washington Luís, realizou, em nossa antiga capital, importante reforma da instrução pública, que lhe grangeou merecido renome e que se conta, de fato, entre as maiores obras já empreendidas no gênero, em nosso país.

Retornando a São Paulo, a convite da Companhia Editora Nacional idealizou a importante coleção denominada "Biblioteca Pedagógica Brasileira" e, com ela, a nunca assaz louvada "Brasiliana", empreendimento ao qual dedicamos há pouco dois números de nossa publicação. Foi o redator e o primeiro signatário do importante "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" (1932), de larga repercussão em todo o país e que inegavelmente, marcou uma nova época na história da educação em nosso país.

Ocupou diversos cargos públicos: diretor geral do ensino no Estado (1933), fundador e diretor do antigo Instituto de Educação, no qual se transformara a tradicional Escola Normal da Praça da República (1933-1938), um dos fundadores da Universidade de São Paulo e professor e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1939-1944), Secretário da Educação do Estado (1947) e do município (1966) e diretor do Centro Regional de Estudos Pedagógicos.

Pertenceu às Academias Brasileira e Paulista de Letras e a diversas outras instituições culturais do país. Foi agraciado com numerosos prêmios e distinções; entre eles, o "Prêmio Machado de Assis" (da Academia Brasileira), o "Visconde de Porto Seguro" (da Fundação desse nome), o "Prêmio Moinho Santista", o título de "Professor Emérito" da Universidade de São Paulo e o grau de Oficial da Legião de Honra, da França.

Deixou uma obra imensa, de cerca de quarenta volumes, nos quais, além dos temas preferenciais de educação e sociologia, versou também temas relativos à educação física (por onde, aliás, começou), aos estudos humanísticos, à crítica literária, à história, à memorialística em evocação de numerosas "figuras do seu convívio". De maior interesse para os estudos históricos, destacam-se **No tempo de Petrônio**, **Páginas latinas**, **O segredo da Renascença**, **Canaviais e engenhos na vida política do Brasil**, **Um trem corre para o Oeste**, **Na batalha do humanismo** e a monumental **A cultura brasileira**, obra por assim dizer de leitura obrigatória para todos os que se interessam por qualquer assunto da cultura de nosso país.

Faleceu Fernando de Azevedo em São Paulo, a 17 de setembro de 1974. Na ocasião, dedicamos ao grande mestre a nota de abertura de nosso número 62, lembrando que dele poderíamos dizer o que Dante dissera de Aristóteles no canto quarto da "Divina Comédia": "Il maestro di color che sanno", "o mestre dos que sabem..." Não era apenas o sociólogo e o educador que desapareciam. Era, antes de tudo, o realizador, o empreendedor, o plasmador de mentalidades, o incentivador de vocações, o formador de gerações, o batalhador, o escritor e humanista, enfim o Mestre".

### Bibliografia de Fernando de Azevedo

Entre 1920 e 1971, publicou Fernando de Azevedo cerca de trinta volumes, quase todos alcançando mais de uma edição e alguns deles, como **Princípios de Sociologia Educacional** atingindo nove edições, utilizados largamente nas escolas onde tais matérias fossem ministradas. Ei-los:

**Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser.** São Paulo, Weiszflog, 1920.

**Antinous: estudo de cultura atlética.** Idem, 1920.

**No tempo de Petrônio.** São Paulo, Irmãos Marrano, 1923.

**Jardins de Salústio: à margem da vida e dos livros.** Idem, 1924.

**O segredo da Renascença e outras conferências.** São Paulo, Nova Era, 1925.

**Páginas latinas: pequena história da literatura romana pelos textos** (em colab. com Francisco Azzi). São Paulo, Melhoramentos, 1927.

**A reforma do ensino no Distrito Federal: discursos e entrevistas.** São Paulo, Melhoramentos, 1929.

**Ensaio: crítica literária.** Idem, 1929.

- A evolução do esporte no Brasil e outros estudos de educação física e higiene social.** Idem, 1930.
- Novos caminhos e novos fins.** São Paulo, Editora Nacional, 1932.
- Princípios de Sociologia.** Idem, 1935.
- A educação pública em São Paulo: problemas e discussões.** Idem, 1937 (Volume 98 da Coleção "Brasileira").
- A educação e seu problemas.** idem, 1937.
- A cultura brasileira,** Rio, IBGE, 1943.
- Seguindo meu caminho: conferências sobre educação e cultura.** São Paulo, Editora Nacional, 1945.
- As universidades no mundo de amanhã: seu sentido, sua missão e suas perspectivas atuais.** Idem, 1947.
- Canaviais e engenhos na vida política do Brasil.** Rio, instituto do açúcar e do Alcool, 1948.
- Rui e o humanismo.** Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1949.
- Sociologia educacional,** Idem, 1940.
- Velha e nova política: aspectos e figuras da educação nacional.** São Paulo, Editora Nacional, 1942.
- Um trem corre para o Oeste: ensaio sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional.** São Paulo, Martins, 1950.
- Na batalha do humanismo: aspirações, problemas e perspectivas.** São Paulo, Melhoramentos, 1952.
- A educação na encruzilhada.** Idem, 1960. (Segunda edição de **A educação pública em São Paulo**).
- A educação entre dois mundos.** São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- Máscaras e retratos: estudos literários.** Idem, 1962 (Segunda edição, rev. e ampliadas de **Ensaio**).
- Figuras de meu convívio.** São Paulo, idem, 1961. Segunda edição, ampliada, 1973, São Paulo, Duas Cidades.
- A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos.** Idem, 1962.
- História de minha vida.** Idem, 1971

\*

Dirigiu **As ciências no Brasil**, obra em colaboração com treze cientistas, para a qual escreveu a introdução. Publicada sob os auspícios da Instituição Larragoitti. 2 vs. Seu último livro, anunciava "em preparo" mais os

seguintes títulos que, não sabemos se chegaram a sair: **Miséria da escola e escola da miséria**, **Vigílias sob a lâmpada**, **Sociologia do conflito social** e **Dicionário de Sociologia**.

É significativo observar que dois de seus livros mereceram tradução para outras línguas: a **Sociologia educacional** para o espanhol (México, Fondo de Cultura Económica, 1954) e **A cultura brasileira** para o inglês (New York, Macmillan, 1950).